



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a emissoras de rádio de SP e RJ

Palácio do Planalto, 24 de novembro de 2005

Locutor: A partir de agora, passamos a transmitir a entrevista coletiva do presidente Lula para emissoras de rádio.

Luiz Fara Monteiro: Bom dia, amigos em todo o Brasil. Oito horas e 11 minutos, eu sou Luiz Fara Monteiro, falamos ao vivo, direto do Palácio do Planalto aqui, em Brasília, para a segunda coletiva de uma série de três coletivas concedidas a emissoras de rádio pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Estão aqui presentes, à mesa, os comunicadores Paulo Barboza, da Rádio Capital AM de São Paulo; Gil Gomes, da Rádio Tupi de São Paulo; Antônio Carlos, da Rádio Globo do Rio de Janeiro; Roberto Canázio, da Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Esta coletiva foi coordenada pela Secretaria de Imprensa e Porta-Voz da Presidência da República, por meio do professor André Singer.

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bom dia.

Presidente: Bom dia, Luiz.

Luiz Fara Monteiro: Vamos, então, começar logo com as perguntas dos apresentadores, começando com Paulo Barboza, da Rádio Capital AM de São Paulo. Mediante sorteio, o Paulo é o primeiro.

Paulo Barboza – Rádio Capital: Bom dia. Presidente, bom dia. Talvez não imagine a emoção de nós, comunicadores de rádio, estarmos reunidos hoje,



aqui, frente a frente com o Presidente da República. O candidato Lula, que várias vezes esteve nos nossos programas, participando, aquela expectativa toda. E um dia muito importante hoje: é o Dia Nacional de Ação de Graças.

O presidente Lula, hoje, o que poderia agradecer a Papai do Céu, nesse Dia Nacional de Ação de Graças e pedir a Papai do Céu, ainda, para o povo brasileiro, heim, Presidente?

Presidente: Bom, primeiro, bom dia, Paulo Barboza. É uma alegria estar recebendo pessoas tão importantes dos meios de comunicação do Brasil aqui, no Palácio do Planalto. E só dizer para vocês que é uma forma que nós encontramos de poder conversar com o povo ao vivo, diretamente, sem subterfúgios. E, daqui para a frente, vai ser uma seqüência com todo o território nacional. É a primeira experiência de fazer uma coisa regional, ou seja, de pegar os dois estados que têm, um, a maior população do Brasil, o outro, uma importância enorme, que é o Rio de Janeiro, para que a gente possa conversar diretamente com o povo. Já fizemos isso com outros estados, agora vamos fazer com outra parte do Nordeste e do Norte do país, para que a gente possa responder a perguntas como esta.

Primeiro, Paulo, eu agradeço a Deus todo santo dia, não apenas no Dia de Ação de Graças, porque eu tenho consciência de que Deus foi muito generoso comigo por eu estar aqui hoje, ou seja, sair de onde eu saí, de Garanhuns, em Pernambuco, e chegar a ser Presidente da República, só pode ser uma dádiva de Deus.

E eu acho que nós agradecemos todo dia. Eu agradeço cada coisa que acontece no meu dia, eu começo o dia agradecendo a Deus pelo dia que eu vou ter e vou dormir agradecendo a Deus pelo dia que eu tive. Acho que todos nós precisamos fazer isso.

E, sobretudo, hoje eu estou muito feliz, porque eu vim ontem do Rio de Janeiro, onde participei de dois eventos importantes. Um, a inauguração da P-



50 que no dia 29, agora, vai zarpar e vai ficar a 120 quilômetros da costa, sendo a maior plataforma que a Petrobrás tem. E o segundo, um grande seminário com exportadores brasileiros, e o otimismo do crescimento das exportações, no Brasil, está sendo extraordinário. Já estamos chegando a 117 bilhões de dólares. E estou feliz porque isso gera empregos, feliz porque isso gera riqueza para o nosso país, feliz porque significa que o Brasil está deixando de ser um mero exportador de matéria-prima para ser um exportador de produtos manufaturados, com grande valor agregado e o otimismo é muito grande. Então, é mais um dia que eu agradeço a Deus.

Paulo Barboza – Rádio Capital: E o pedido a Papai do Céu? Ano que vem?

Presidente: Não, veja, eu peço todo dia. Eu peço todo dia que eu tenha saúde, que o povo brasileiro tenha saúde, que as coisas possam melhorar para todos nós, porque eu não concebo que um ser humano possa se levantar e dormir sem agradecer a Deus a sua própria existência. E nós temos que fazê-lo todo dia, porque faz bem.

Luiz Fara Monteiro: Seguindo a nossa ordem da mesa, o próximo apresentador a questionar o presidente Lula é o comunicador Roberto Canázio, da Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Roberto, bom dia.

Roberto Canázio – Rádio Tupi do Rio de Janeiro: Bom dia. Bom dia, Presidente, bom dia a todos da mesa. Muito obrigado, Presidente, por este convite que, para mim, foi a primeira oportunidade que eu tive, de conversar com o senhor.

Resumidamente, para o senhor saber com quem o senhor está conversando, são 25 anos de trajetória no rádio AM, lutando, sem pretensão política, pela justiça social. Nós temos essa visão comum e eu o acompanhei



sempre. Sempre coloquei o PT e os partidos progressistas nos meus programas de debate, que os donos de rádio não entendiam, achavam: “Ih, esse comunicador é comunista”, aquelas coisas que nos anos 80, 90, prevaleciam.

Mas, engraçado que acompanhando o discurso progressista, nunca, na “hora H” eu votava no senhor. Tinha medo, não das reformas, mas tinha medo daquilo que me diziam que poderia acontecer. Sempre ouvia dizer, uma tese, aí, de um ministro da Fazenda, de que era preciso esperar que o bolo crescesse para então, depois, cortá-lo e distribuí-lo. Aí, cansei de esperar pelo crescimento do bolo e votei no senhor. Sou seu eleitor porque queria as transformações, cansei de esperá-las.

E eu sei que o senhor herdou uma herança de miseráveis que, segundo o IBGE, no seu primeiro ano de governo aumentou, enfim, eram 47 milhões de excluídos, brasileiros que não tinham dinheiro nem para comprar a cesta básica, abaixo daquelas duas mil oitocentas e poucas calorias que a Organização Mundial de Saúde recomenda como toleráveis.

O senhor faz o Fome Zero, o primeiro grande programa de transferência, o seu grande projeto de transferência de renda, que beneficia os pobres. Aliás, tenho recebido, esta semana mesmo recebi um orgulhosíssimo de receber a ajuda do Bolsa Família.

E, aí, o Brasil, mais uma vez, progride, a economia vai bem, estável, não temos inflação. Segundo os empresários, nós temos uma política de juros e tributária, uma política alta, que inibe aquela vontade animalasca do empresário de produzir e, conseqüentemente, gerar empregos. A sua equipe econômica diz que a política é essa, está acima, até, de eventuais turbulências. Os patrões dizem que é preciso diminuir tudo isso, para poder gerar emprego e crescimento.

Presidente, a recuperação econômica do país está aí, até mesmo acima das turbulências, e eu reconheço o progresso da nossa Nação, acentuado no



seu governo. Mas, e o desenvolvimento social? Quase três anos depois, eu lhe pergunto: o senhor está contente com a sua meta social? Presidente Lula, em quem eu votei, e continuo confiando, quando comeremos fartamente daquele tal bolo?

Presidente: Eu não sei, Roberto. Eu posso te chamar de Canázio? Fica melhor falar Canázio.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Pode. É como Canázio mesmo que todo mundo me conhece.

Presidente: Roberto Canázio, parece que Canázio fica melhor. Primeiro, bom dia e obrigado pelo voto. Espero que eu tenha feito jus à confiança que você depositou. Olhe, nenhum ser humano, nenhum político pode dizer “eu estou contente com o que eu fiz, eu já fiz tudo”. Nós temos que, todo dia, levantar com a vontade de fazer mais, porque isso é inerente ao ser humano, ou seja, nós temos que progredir em todas as atividades que nós fazemos, cada dia mais, cada dia fazer mais.

Agora, eu acho que para a gente poder exigir o ideal, nós temos que sempre lembrar de onde nós partimos. Todo mundo, no Brasil, sabe que quando eu tomei posse em 2003 havia uma crença, por parte de muitos políticos e por parte de muitos setores dos meios de comunicação da imprensa, de que não era possível dar conta do recado, tal era a situação do Brasil. Risco-Brasil acima de 2000%, inflação beirando 12%, o desemprego muito grande, as exportações brasileiras com superávit de apenas 13 bilhões, ou seja, não se tinha previsão de chegar aonde nós chegamos.

E começamos 2003 fazendo um grande sacrifício, Canázio. Não foi fácil. Posso dizer para você que me doía a alma, o coração, porque nós cortamos na carne. Nós tomamos posse, e nossa primeira medida foi fazer um



contingenciamento de quase 14 bilhões de reais porque o orçamento que tinha sido feito, tinha sido feito de forma irreal. E a partir daí nós tivemos um ano muito duro. Mas foi graças a esse ano duro, Canázio, que nós hoje estamos em uma situação mais confortável.

Hoje eu posso dizer para você o seguinte: o Brasil, finalmente, encontrou o caminho do desenvolvimento e um caminho que será duradouro, porque nós queremos um grande ciclo de crescimento, ou seja, não é crescer um ano e cair no outro, crescer no outro e cair no outro, como sempre aconteceu. Não. É fazer com que o Brasil tenha 10, 15 ou 20 anos de crescimento. Não precisa 10%, não. Pode ser 4%, pode ser 5%, mas que seja uma coisa contínua, que seja por longo prazo para que a gente possa recuperar os 20 anos de atraso que nós tivemos no Brasil.

Nós não podemos esquecer nunca que nós tivemos, desde 1980, um retrocesso. Eu era dirigente sindical em 1980. Eu dizia outro dia, em uma entrevista, que eu cansei de me levantar à uma hora da manhã, cansei de ir em porta de fábrica às cinco horas da manhã, cansei de ir, ao meio-dia, chorar junto com os trabalhadores porque estavam sendo desempregados. Teve um tempo que só a Volkswagen mandou 15 mil em uma tacada só. E foram 20 anos assim. Foram 20 anos em que a economia brasileira não cresceu ou, se ela cresceu, cresceu pouquíssimo, cresceu menos do que o crescimento demográfico.

Nós estamos tendo, agora, uma chance. Por quê? Porque nós estamos fazendo um jogo combinado, Canázio, e isso é muito importante, é quase sagrado. Veja, no Brasil era assim, você está lembrado: os mesmos que diziam que era preciso deixar o bolo crescer para depois distribuir... O Brasil era assim: quando o Brasil decidia fazer exportação, matava o mercado interno. Quando o Brasil se voltava para o mercado interno, matava as exportações. Parecia que as duas coisas não combinavam.



Nós, agora, estamos crescendo as exportações, estamos crescendo as importações, o que é muito importante, porque estamos importando máquinas para modernizar nossas indústrias, nós estamos crescendo o mercado interno, o consumo está crescendo e nós estamos com a inflação baixa. Este é um fenômeno que não acontecia há muitos e muitos anos no Brasil: crescimento econômico, crescimento das exportações, crescimento das importações, crescimento do mercado interno, crescimento da economia com inflação baixa. Isso não existia há muito tempo no Brasil.

Eu disse ontem aos empresários, e quero repetir para você, Canázio, que nós estamos consolidando uma perspectiva do Brasil tratar as questões econômicas com seriedade. E eu digo para todo mundo ouvir, deve ter muita dona-de-casa nos ouvindo agora, eu digo sempre o seguinte: nós temos que tratar o governo como a gente trata a casa da gente, com muito carinho. A gente só pode gastar aquilo que a gente tem, a gente só pode comprar as coisas quando a gente pode comprar, porque eu não posso fazer dívida para o meu filho pagar, e eu não quero endividar o país para que outro que venha, no meu lugar, e pague. Eu quero é gastar exatamente o que eu posso.

E aí entra a questão das políticas sociais. O programa Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda que nós temos no mundo, com condicionalidades. O que é a condicionalidade? A mulher pobre, que recebe o Bolsa Família, está condicionada a colocar seus filhos com menos de 14 anos na escola. Ela está obrigada a levar as crianças para tomar vacina. E se ela for uma mulher que esteja grávida, ela é obrigada a fazer todos os exames que as mulheres têm que fazer. Essa é uma coisa extraordinária. E só para você ter uma idéia, em São Paulo nós temos 838 mil pessoas recebendo o Bolsa Família. Na região metropolitana, 353 mil; e na capital, 165 mil.

No Rio de Janeiro nós temos um problema, Canázio, um problema sério, porque nós tínhamos feito um acordo, tem um problema de cadastro que é muito sério. Você não pode dar dinheiro de forma aleatória, você precisa saber



se as pessoas precisam. Nós tínhamos feito um acordo com o governo do estado e com a prefeitura, de que o governo do estado colocaria, me parece, 10 reais no dinheiro que nós dávamos, e a prefeitura colocaria 10 reais. Eu fui informado agora que tanto o governo do estado retirou a parte dele, quanto a prefeitura tirou a parte dela.

E por conta do cadastro, o Rio de Janeiro é o estado que tem menos gente recebendo o Bolsa Família, são 286 mil famílias, das quais 211 mil na região metropolitana do Rio de Janeiro e 65 mil na capital. Poderia ser mais porque a média dos estados é mais ou menos 70, 75%. Nós chegaremos agora, no dia 31 de dezembro, com 8 milhões e 700 mil famílias recebendo o Bolsa Família.

Não sei se vocês viram uma reportagem que saiu esses dias, de que tem muita gente neste país com uma decência tão extraordinária que esses dias apareceu as mulheres devolvendo o cartão Bolsa Família porque já receberam. Teve uma que começou a comprar pintinho com o dinheiro que recebia, já tem agora uma galinhada, já está vendendo ovos e frango caipira. Falou: “não preciso mais do cartão, vou devolver para alguém que precisa mais do que eu”.

Então, esse programa social é, eu diria para você, o maior programa de transferência de renda do mundo com condicionalidade. Mais ainda, se a gente pegar o Rio de Janeiro, Canázio, que você conversa todo dia com o povo, você vai perceber o seguinte: na questão da educação nós criamos o ProUni. Você sabe, no estado do Rio de Janeiro, quantos adolescentes entraram na universidade este ano por conta de um programa novo que nós criamos? Nove mil, quatrocentos e quarenta e nove pessoas entraram na universidade. Em São Paulo, no ProUni, entraram 35 mil pessoas na universidade.

O que nós fizemos? As universidades federais não tinham mais vagas, nós, então, fizemos um convênio com as universidades privadas, fizemos alguma dedução de impostos, transformamos o equivalente ao imposto em



bolsa de estudo e colocamos as crianças para estudar, foram 112 mil jovens, dos quais 38 mil afro-descendentes, que é a famosa cota para a comunidade negra brasileira.

Bom, aí entra a questão... eu, agora, estive no Riocentro Alfabetizando, Canázio, num processo com 40 mil pessoas. E o nosso programa de alfabetização não é aquele programa de ensinar a pessoa a escrever o nome apenas, nós temos um curso de alfabetização que vai de seis a oito meses e a gente prepara os adolescentes, os adultos para que ele, ao terminar a alfabetização, possa fazer o curso primário. E eu fiquei lá no Riocentro, uma senhora chamada Maria das Dores, de 92 anos de idade, que se alfabetizou o ano passado, terminou a 4ª série este ano, quer terminar a 8ª série e falou para mim: “Presidente, eu quero que o senhor venha aqui no dia em que me formar na universidade”. Então, eu estou feliz mas eu acho que falta fazer muito ainda.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Só uma coisa: a “intera” do Rio de Janeiro vai ficar por sua conta, quer dizer, os 20 reais que, de repente desapareceram dos 70, o senhor vai inteirar?

Presidente: Não, nós vamos continuar porque o Bolsa Família...

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Porque a pessoa fica assustada...

Presidente: O Bolsa Família vai de 65 a 95 reais por pessoa. Se uma pessoa receber o cartão de 50 reais, mas receber o Bolsa Escola e tiver três filhos, daria 95. Se o estado colocasse mais 10, daria 105. Se o estado tirar, nós vamos ver. Eu não conversei com o ministro Patrus, ainda. Eu fui informado de que o estado do Rio tinha retirado dinheiro e o Prefeito, eu nem sei qual foi a razão, vou conversar com o ministro Patrus e vamos ver como é que nós vamos fazer para atender essas pessoas.



Roberto Canázio – Rádio Tupi: Assegure ao povo do Rio de Janeiro que o Rio de Janeiro não vai ter prejuízo.

Presidente: Eu acho que nós não poderemos permitir que as pessoas sofram prejuízo, porque é tão pouco que eu acho que todos os prefeitos, todos os governadores deveriam entrar com uma parte para que a gente, ao invés de dar 85, 75, 95, pudesse dar 120, 130.

Nós estamos, agora, com um programa social que eu acho extraordinário para os adolescentes brasileiros. Nós criamos o programa ProJovem, criamos o programa Escola de Fábrica. Hoje, nós temos 11 mil jovens estudando dentro da própria fábrica. Nós temos o ProJovem que, no Rio de Janeiro, se inscreveram praticamente 35 mil jovens. São jovens de 17 a 24 anos que desistiram da escola, não terminaram a 8ª série. Nós estamos colocando esses jovens para voltar a estudar e damos uma ajuda de 120 reais para eles fazerem trabalho comunitário. No Rio de Janeiro, se inscreveram 35 mil e em São Paulo se inscreveram 30 mil, e foram selecionados, até agora, 18 mil. Eu estou até para ir a São Paulo e ao Rio de Janeiro fazer o lançamento.

E esta semana eu tive uma notícia extraordinária, este Programa começou em Recife e o melhor aluno – são jovens que tinham perdido a perspectiva de vida, tinham desistido da escola, estão na periferia sem ter o que fazer. Na hora em que você oferece uma bolsa, dando um pagamento para ele, ele volta a estudar e vai ter que fazer um trabalho comunitário – eu tive uma notícia fantástica: o melhor aluno é um presidiário que sai da cadeia, vai estudar, depois volta para a cadeia, é o melhor aluno de todo o ProJovem de Recife. Isso demonstra o quê? Demonstra que quando as pessoas têm oportunidade as pessoas vão em frente, e as pessoas agarram aquela oportunidade com unhas e dentes.

Por isso eu estou feliz, Canázio. Feliz com as políticas sociais, mas



achando que nós ainda temos muito a fazer. Isso é como um começo de campeonato, ou seja, o time: “ah, estou bem, estou bem, já ganhei três jogos”. Mas ainda faltam dez jogos para você disputar.

Roberto Canázió – Rádio Tupi: Faltam mais cinco anos?

Presidente: Veja, eu acho que falta... O que eu espero é que, no Brasil, a gente estabeleça uma política combinada entre prefeitos, governadores e presidente da República, e que essa política envolva a sociedade para, qualquer governo que entrar, dar continuidade. O problema no Brasil é que cada um quer inventar o “ovo de Colombo”. Cada um que entra acha que tem um coelho na cartola, que vai ser a maior novidade do mundo. Não existe mágica em política, existe seriedade. Existe uma combinação entre os entes federativos e, sempre que possível, porque o governo federal é um grande transferidor de renda para os municípios e para os estados. A saúde, a grande maioria é dinheiro transferido do estado para os municípios. Então, se a gente trabalhar de forma combinada, tudo será mais fácil. E é isso que eu espero deixar para o próximo presidente da República que vier depois do meu mandato.

Luiz Fara Monteiro: Oito horas e trinta e dois minutos. Vamos fazer um pequeno intervalo e voltamos ao vivo, direto do Palácio do Planalto.

São 8h35, o próximo comunicador a fazer pergunta ao presidente Lula, é Antônio Carlos, da Rádio Globo do Rio de Janeiro. Bom dia, Antônio Carlos.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Bom dia. Bom dia, Presidente, é um prazer estar aqui do seu lado. O senhor está simpático mesmo, eu estou achando o senhor muito mais simpático ao vivo do que pela televisão. Eu trouxe até uma camisa da Rádio Globo e um boné e prometi para os meus ouvintes que já que



o senhor usou um boné do Movimento Sem-Terra, vai usar um boné da Rádio Globo também. Eu vou passar para o senhor depois.

Presidente: Você vai passar e nós vamos tirar uma fotografia, para você poder mostrar para o seu pessoal.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Vamos tirar uma fotografia para publicar no jornal “Extra”, no Rio de Janeiro.

Presidente, olha só, eu fiz uma enquete na Rádio Globo. O Sistema Globo tem 19 emissoras. Nós estamos transmitindo neste momento para Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Curitiba. São 19 emissoras transmitindo o nosso programa, o “Show do Antônio Carlos”, e transmitindo esta entrevista. Então, eu pedi às pessoas para me telefonarem mandando perguntas para eu fazer para o senhor. Então, uma das perguntas mais freqüentes é: o dinheiro do SUS não existe, Presidente, não sei se o senhor sabe, o senhor deve saber. O senhor tem um esquema todo de informação, são muito poucos os municípios brasileiros que têm postos de saúde funcionando decentemente. Aí o senhor diz assim: “não, mas o SUS manda o dinheiro, o dinheiro sai do governo federal, vai para o município”. Aí o sujeito vai lá, quer marcar uma entrevista. “Olha, volta em dezembro, volta em janeiro, volta em fevereiro.” O que o senhor pode fazer para ajudar a esse povo que não pode pagar plano de saúde, Presidente?

Presidente: Nós temos um problema sério, Antônio Carlos. Primeiro, educadamente, bom dia.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Bom dia, Presidente.

Presidente: E bom dia ao povo do Rio de Janeiro. O que nós precisamos



entender claramente é o seguinte: olha, o SUS, que nós consolidamos na Constituição de 88 é, possivelmente, a melhor forma de você fazer política de saúde no Brasil. E o governo federal é um grande repassador de dinheiro para os municípios. Nós repassamos o dinheiro para os municípios e nós ficamos torcendo para que os municípios gastem o dinheiro da forma mais adequada possível, de preferência para dar o melhor atendimento.

Eu, toda vez que falo em saúde pública, eu me lembro quando eu precisava de saúde pública, em São Paulo, quando eu trabalhava em fábrica que tinha convênio. E qual é o desejo nosso? O desejo nosso é fazer com que o sistema de saúde no Brasil, e algumas prefeituras já fazem isso com muita competência, porque as prefeituras também têm que colocar uma boa parte do dinheiro, é que nós precisamos fazer com que o tratamento de saúde não permita que a pessoa espere, porque a doença não espera. Ninguém pode dizer para a dor de cabeça: “olha, vem amanhã, porque hoje não tem médico”. O que nós gostaríamos era que em todas as cidades brasileiras o sistema de saúde funcionasse. Nós temos exemplos de cidades em que a saúde funciona bem.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Mas não funciona, Presidente.

Presidente: No Rio de Janeiro nós temos um problema, foi detectado, você viu a confusão que deu o ano passado. Nós fizemos, assumimos uma parte dos hospitais federais que tinha lá, e estamos investindo muito no Rio de Janeiro, na questão de saúde, muito. Eu estou com uma relação aqui que depois eu vou te dar, porque eu não vou ler.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Mas em São Paulo também não funciona.

Presidente: Não, mas tem cidades em que funciona bem. O governo federal



dá uma parte, os municípios dão outra, o estado dá outra. Agora, é preciso acompanhar o gerenciamento. Nos estados em que você tem, e nas cidades, a sociedade organizada como agente de saúde, no conselho de saúde, as coisas funcionam melhor. Eu poderia te dar o exemplo de Santo André, poderia te dar o exemplo de Diadema, em que a saúde funciona bem. Ela funciona de forma, eu não diria 100%, mas funciona muito melhor do que em outros municípios em que o povo fica praticamente abandonado.

Você é testemunha de que o Ministro da Saúde tem ido muito ao Rio de Janeiro, porque no Rio de Janeiro nós temos uma rede municipal, temos uma rede estadual, temos uma rede federal. Eu até queria aproveitar para o povo começar a aferir qual é que funciona melhor.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Eu posso fazer esta pesquisa para o senhor e mandar.

Presidente: Manda para mim, porque a ordem minha, ao Ministro da Saúde, é que a gente transforme alguns hospitais, no Rio de Janeiro, em centros de excelência, porque o Rio de Janeiro é um estado que é quase que um cartão postal do nosso país. Então, vai muita gente de fora, que vai para o Rio de Janeiro, e que nós precisamos então ter a saúde. Agora mesmo, ontem eu estive com o prefeito de Nova Iguaçu e nós vamos, o hospital de Queimados, que está paralisado há 20 anos, nós vamos fazer aquele hospital funcionar porque o povo da Baixada merece respeito. Nós vamos fazer, estamos com um investimento aqui. Nós pegamos os hospitais de Andaraí, Ipanema, Cardoso Fontes e Lagoa, estamos investindo 100 milhões em equipamentos, obras, medicamentos e pessoal nesses hospitais federais. Reabrimos 240 leitos nessas unidades.

O que nós gostaríamos era que o prefeito do Rio de Janeiro e o governo do Rio de Janeiro pudessem...



Antônio Carlos – Rádio Globo: E o prefeito de São Paulo e de Minas Gerais também.

Presidente: Não, os prefeitos do Brasil inteiro, ou seja, que pudessem trabalhar junto com o governo federal para que a gente pudesse resolver os problemas, porque a situação também é muito cômoda. Quando a coisa é boa é o prefeito, quando a coisa é ruim é o presidente da República. Ou senão o governador. Quando a coisa está boa é o governador, quando está ruim é o presidente da República. Ora, quem está lá e que vê isso no dia-a-dia são eles.

E o que nós estamos fazendo em hospitais, eu depois vou passar a relação que o Ministro da Saúde me deu ontem para você, quando falar para o Rio de Janeiro e também você, Canázio, vocês pegarem o que está acontecendo no Rio de Janeiro. E poderia dizer para vocês o seguinte: nós poderíamos estar fazendo muito mais, nós poderíamos ter mais centros de saúde bucal no Rio de Janeiro, nós poderíamos ter mais farmácias populares no Rio de Janeiro. Agora, para que a gente faça isso, é preciso ter disposição dos entes federativos nossos, prefeituras e governo do estado terem disposição de fazer junto conosco.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Não pode botar um fiscal federal, olhando o desempenho...

Presidente: Este é um desejo que eu discuti, muito tempo, com o ministro da Saúde. Eu achava que em cada hospital deveria ter um cidadão com um avental escrito: “fiscal do governo federal”...

Antônio Carlos – Rádio Globo: É isso.



Presidente: ...porque é uma coisa que nós não temos, no Brasil. Mas eu penso que, para funcionar direito, seria necessário – eu discuti muito com a Casa Civil no ano passado para ver se introduzia isso no Brasil – o governo federal ter um representante das políticas do governo federal nos estados, alguém que pudesse controlar a ação do governo federal para saber se está funcionando. Nós, através da Controladoria-Geral da República, estamos fiscalizando, por sorteio, na Caixa Econômica, a aplicação dos recursos. Decidimos que o dinheiro federal só pode ser gasto com leilão pela internet, porque nós precisamos saber se o prefeito está utilizando corretamente o recurso. Eu diria que, às vezes, não é nem má-fé. Às vezes é, define outra prioridade. E nós precisamos, então, fiscalizar isso corretamente.

Nós temos uma deficiência na saúde brasileira.

Antônio Carlos – Rádio Globo: É verdade.

Presidente: E é o orçamento mais alto, porque é um orçamento que está condicionado na Constituição, é dinheiro carimbado, ou seja, este ano são 35 bilhões de reais, mais o dinheiro que colocam os municípios, mais o dinheiro que colocam os estados. E eu acho que tem uma outra coisa, quando se fala de saúde, Antônio Carlos, nós precisamos colocar para o povo entender o seguinte: quando nós ficamos gastando dinheiro com saúde, na verdade, nós estamos gastando dinheiro com doença.

Antônio Carlos – Rádio Globo: É, é verdade.

Presidente: O que nós precisamos é...

Antônio Carlos – Rádio Globo: É cuidar bem do povo, para não ficar doente.



Presidente: ...fazer a prevenção. Aí, entra uma coisa importante que vale para o Rio de Janeiro, vale para São Paulo, vale para Minas Gerais, vale para todo mundo, que é a política de investimento em saneamento básico. O Brasil ficou, de 1999 a 2002, sem investir praticamente nada em saneamento básico. Nada, nada. Em 2002, 2 bilhões foram disponibilizados para estados e municípios, só foram contratados 262 milhões. Nós, nesses 35 meses, Antônio Carlos, já disponibilizamos, nos primeiros dois anos, 6 bilhões e 100 milhões de reais e já disponibilizamos, este ano, 4 bilhões e meio de reais, aproximadamente, ou 4 e 600, ou 4 e 300. Por quê? Porque nós entendemos que, para cada real que você investe em saneamento básico, segundo a Organização Mundial da Saúde, você economiza três em saúde. Então, fica mais barato evitar que as pessoas fiquem doentes.

E nós estamos com uma forte política. No Rio de Janeiro nós temos um problema, por quê? Porque a empresa de saneamento do Rio de Janeiro está inadimplente e não pode ter acesso ao dinheiro. Mas São Paulo, por exemplo, já pegou 1 bilhão e 100 milhões de reais para fazer saneamento básico. Eu gostaria é que mais prefeituras, que mais estados e que mais empresas estivessem batendo na Caixa Econômica Federal atrás de dinheiro, para que a gente pudesse fazer saneamento básico porque isso significa, não apenas melhoria da qualidade de vida das pessoas mas significa, sobretudo, geração de muitos empregos.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Presidente, a CPMF não é para a saúde?

Presidente: É.

Antônio Carlos – Rádio Globo: E vai para a saúde?

Presidente: Vai para a saúde.



Antônio Carlos – Rádio Globo: Mas não chega ao município.

Presidente: Chega. Grande parte do dinheiro chega ao município. Eu posso te oferecer isso depois, para você levar para os seus debates, e saber quanto dinheiro é repassado para a saúde, para cada município do Rio de Janeiro,...

Antônio Carlos – Rádio Globo: Então estão gastando errado, Presidente.

Presidente: ...cada município de São Paulo.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Estão gastando errado.

Presidente: Olha, pode ser que nem tudo seja gasto adequadamente. Eu não posso afirmar que está sendo gasto errado. Mas, na verdade, eu posso te mostrar a relação de cidade por cidade, quanto vai para o Rio de Janeiro, para São Paulo, para Minas Gerais, quanto cada estado recebe, quanto cada município recebe, para a saúde. Posso te dizer que é muito dinheiro.

As transferências de dinheiro, voluntárias, do governo federal para o Rio de Janeiro, em 2004, foram 5 bilhões e 800 milhões de reais, são 18% da arrecadação própria do Estado. Em São Paulo, a transferência em São Paulo, as voluntárias, foram... São Paulo, como é mais rico, recebe menos, essa é a lógica do socialismo brasileiro. Ou seja, São Paulo recebeu, de transferência voluntária, praticamente quase 4 bilhões de reais, além do dinheiro obrigatório.

Você vê, transferências obrigatórias, são 11 bilhões para São Paulo e 8 bilhões para o Rio de Janeiro, de transferências obrigatórias. E esse dinheiro vai para município, esse dinheiro vai para o estado, e eu espero que eles estejam gastando da melhor forma possível.



Luiz Fara Monteiro: São 8h46. Falamos ao vivo, direto do Palácio do Planalto. Esta é a coletiva do presidente Lula a emissoras do Rio e de São Paulo. Vamos ouvir, agora, Gil Gomes, da Rádio Tupi AM de São Paulo. Bom dia, Gil.

Gil Gomes – Rádio Tupi SP: Bom dia, Presidente, o meu respeito. Evidentemente, nós vivemos uma crise política que foi originada por denúncias. O senhor disse, a princípio, quando das denúncias, que não sabia de nada do que acontecia nos bastidores, por seus amigos. Hoje, o senhor sabe, e se sabe, o que aconteceu ou o que não aconteceu?

Presidente: Bom, primeiro, bom dia, Gil Gomes.

Gil Gomes – Rádio Tupi SP: Bom dia.

Presidente: E fico feliz que você esteja o mesmo, ou seja, o mesmo de 20 anos atrás, 30 anos atrás. Gil, quando um governador, um prefeito ou um presidente da República tem notícias de que está havendo corrupção em uma área, qual é a possibilidade que tem um governante? Na hora em que você sabe que tem um servidor público que praticou corrupção, você o afasta, você o exonera. E nós afastamos, no combate à corrupção, nós prendemos 515 servidores públicos, 130 policiais federais. Nós já afastamos centenas de pessoas.

Agora, quando o cidadão diz o seguinte: “bom, tinha o mensalão na Câmara dos Deputados, e o Presidente sabia”. Ora, por que é que eu sou obrigado a saber o que acontece na relação, quando o Gil Gomes sair daqui e for tomar um café no saguão do hotel? Por que eu sou obrigado a saber o que o Gil Gomes acertou, o que ele conversou, com quem ele conversou, o que ele fez? Só tem três possibilidades de um presidente saber: se ele participou da reunião, se alguém que participou contou para ele, ou se a imprensa denunciar.



Essa é a hipótese que o presidente tem que saber. O que o Presidente tem que fazer? Na hora em que souber, tomar providências. E nós tomamos todas as providências que poderiam ser tomadas sem julgar ninguém, porque não é papel do Poder Executivo julgar. Nós não somos Poder Judiciário.

Eu acho que nós estamos vivendo um momento excepcional, eu diria, do ponto de vista da intranqüilidade na política brasileira, porque se colocou na cabeça do povo brasileiro, ao longo de vários meses, que tinha mensalão, que tinha mensalão, que tinha mensalão. Isso virou refrão de música de carnaval, isso está no inconsciente da sociedade brasileira e agora a CPI terminou o trabalho sem provar se houve mensalão. A própria pessoa que acusou foi cassada porque não provou. Então a minha preocupação é a seguinte: todas as denúncias que forem feitas, se tiverem indício de prova, serão investigadas. Na investigação interna que o governo fizer, o culpado será exonerado, será afastado. Depois, as pessoas têm que responder o processo, a investigação policial, a investigação do Ministério Público e o julgamento final.

No Brasil, muitas das coisas que estão acontecendo é porque já começaram as eleições presidenciais, de governadores e de deputados para o ano que vem. Então, as pessoas, antes de provarem alguma coisa, fazem um carnaval em torno da coisa, depois não provam nada, fica o dito pelo não dito. Quem é de São Paulo vai se lembrar de uma coisa que eu vou contar aqui, muito importante. A Escola Base. Você está lembrado, todo mundo aqui está lembrado, Antônio Carlos está lembrado, porque saiu no Brasil inteiro, Paulo Barboza está lembrado, o Gil Gomes está lembrado, o Roberto Canázio está lembrado. Destruíram a Escola Base, destruíram a família, destruíram a vida do dono da Escola Base e, depois de algum tempo, não tinha nada. Ele era inocente.

Então, veja, eu disse outro dia no Programa Roda Viva que quem tiver denúncia que a faça, e aproveite que eu estou na Presidência, porque ela será apurada. Ela será apurada pela Polícia Federal, ela será apurada pelo



Ministério Público, ela será apurada dentro das possibilidades do governo, será apurada com muito rigor. Pode fazer, não tenha preocupação de fazer denúncia.

Agora, o que o governo não pode fazer é um carnaval cada vez que ele recebe uma denúncia, porque, primeiro, nós temos que saber se tem um fundo de verdade naquilo para apurar. E depois, quando a Polícia Federal vai investigar, ela vai com mais cuidado do que outros porque alguns não querem investigar, alguns querem denunciar e denunciar, sem trégua. O que o Presidente da República tem que fazer, Gil Gomes, primeiro, é não fugir à sua responsabilidade. As coisas que acontecem de bom no governo, sejam aqui ou no Acre, as coisas que acontecem de ruim no governo, sejam aqui ou seja no Acre, têm a responsabilidade do Presidente da República. E, portanto, eu não fujo à minha responsabilidade. E quero prestar contas à sociedade brasileira de cada coisa que acontecer.

Agora, a única coisa que eu não posso admitir é que as mentiras prevaleçam sobre a verdade. Eu sou daqueles que querem apurar a verdade, doa a quem doer. Agora, tem critérios. Eu não posso enforcar para depois julgar. Primeiro, eu preciso julgar para depois tomar as outras atitudes.

Gil Gomes – Rádio Tupi: Eu gostaria só de esclarecer. Na Escola Base, esse jornalista foi fazer a reportagem e, sentindo dúvidas, não a fez. E chegou à sua redação, na época o SBT, com o Marcos Wilson e disse: “não tenho certeza”. É uma responsabilidade de jornalistas. Agora, o jornalista tem dúvida num caso atual, do Celso Daniel, que foi seu amigo. Foi um crime que aconteceu por acontecer, ele estava no lugar errado, na hora errada, ou foi um crime político?

Presidente: Eu tenho a convicção de que a morte do Celso Daniel foi um acidente de percurso. E foi um crime comum. Nós já temos o resultado. Veja, quem investigou foi a Polícia Civil de São Paulo.



Gil Gomes – Rádio Tupi: Grande delegado, dr. Domingos.

Presidente: Quem investigou foi a Polícia Civil de São Paulo. A pedido meu, o presidente Fernando Henrique Cardoso mandou a Polícia Federal investigar junto. Quem disse que foi crime comum foi a Polícia Civil de São Paulo e a Polícia Federal. E eu não estava no governo. O Celso Daniel era uma das obras-primas da política nacional. Eu considero o Celso, ele era o melhor administrador público deste país. Acho que não tinha um prefeito neste país, sem demérito, que tivesse mais competência do que o Celso Daniel. E ele morreu porque... dizem que Deus traça o destino de cada um de nós. Não acredito em crime político, em hipótese alguma. Eu acho que o assaltaram, seqüestraram, depois perceberam o tamanho, como se diz na gíria policial “o tamanho do peixe” e resolveram matar de forma irresponsável e por medo. E isso deve acontecer em várias outras mortes que já tivemos no Brasil.

Eu te confesso que a minha convicção é de que é um crime comum. Lamentavelmente, uma parte do Ministério Público de São Paulo, toda vez que vai chegando a eleição, levanta esse caso. Eu confesso que é preciso ter mais seriedade. E eu prefiro ficar com a visão da Polícia Civil – já era o governador Alckmin – da Polícia Federal, que foi lá, a mando do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Gil Gomes – Rádio Tupi: É um crime político, pelo Ministério Público?

Presidente: Não, eu acho que é, não o Ministério Público, porque tem uma parte, talvez uma minoria do Ministério Público que faz uso político disso, em toda ocasião em que interessa fazer. E, para mim, se quiserem investigar, que investiguem o quanto quiserem. Se amanhã descobrir que não foi crime comum, ora, todos nós vamos mudar a nossa versão, você vai mudar a tua, eu



vou mudar a minha, mas o que eu tenho agora é o resultado final do trabalho da Polícia Civil e da Polícia Federal. Não tenho outra coisa. O resto é insinuação, é “eu acho”, e eu fico, por enquanto, com o laudo das duas polícias que são responsáveis.

Luiz Fara Monteiro: 8h56. Vamos fazer mais um intervalo e voltamos daqui a pouco.

São 8h59. Voltamos ao vivo do Palácio do Planalto para a coletiva de rádio concedida pelo presidente Lula às emissoras do Rio e São Paulo.

Voltamos com o Paulo Barbosa, da Rádio Capital AM de São Paulo.

Paulo Barbosa – Rádio Capital AM: Presidente Lula, nós temos, na Rádio Capital, 86% de audiência feminina. São as donas-de-casa, é a vovó, são as mulheres mais jovens. E nós nos reunimos, pesquisando através dos programas do Eli Corrêa, do Paulo Lopes, do Zé Bétio, da Cinthia, do Samuel Gonçalves, qual seria o maior problema hoje do Brasil, e ficou sempre aquela interrogação, depois da sua campanha até chegar à Presidência da República. E as donas-de-casa estão perguntando: “e os empregos, Presidente, nós queremos trabalhar, nós não queremos esmola, nós queremos é trabalhar e realmente colocar os nossos maridos trabalhando e a gente também”. Palavra das mulheres.

Presidente: O Brasil, de 1980 até 2002, teve uma situação extremamente desagregadora do ponto de vista de emprego. Nós, em 35 meses, criamos três milhões e 600 mil empregos de carteira profissional assinada. Isso é medido de que jeito? O Caged é um instituto do Ministério do Trabalho. E o Ministério do Trabalho recebe as informações de todos os trabalhadores que são admitidos e todos os trabalhadores que são demitidos.

E nós fazemos um saldo positivo no final de cada mês. No dia 17 de



cada mês nós fazemos a apuração de quantos trabalhadores foram mandados embora, quantos foram contratados e qual o saldo positivo. Em oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso, em oito anos do governo passado, nós tivemos um saldo positivo mensal de oito mil empregos. Nos nossos 35 meses, nós temos um saldo mensal positivo de 108 mil empregos. É a maior quantidade de empregos criados no Brasil nos últimos 25 anos.

Obviamente que falta criar muitos empregos. Quem é do Rio de Janeiro sabe que a indústria naval carioca tinha falido, a brasileira tinha falido. E nós recuperamos a indústria naval, hoje tem milhares de trabalhadores trabalhando. Eu vou dar um dado específico para vocês. Na categoria metalúrgica, em 20 anos nós perdemos quase um milhão e meio de trabalhadores. Nesses 35 meses, já recuperamos mais de 300 mil trabalhadores.

Este ano nós tivemos um problema porque a agricultura teve uma crise profunda. Primeiro, por excesso de grãos, diminuiu o preço; segundo, por causa da seca. Mas os empregos estão sendo gerados, eu diria, é o melhor momento dos últimos 20 anos na geração de empregos. O dado concreto, se eu quisesse passar para você, que é de São Paulo. São Paulo, no primeiro mandato de 1994 a 1998, perdeu 436 mil postos de trabalho. Nós, agora, recuperamos, nós criamos 1 milhão e 300 mil novos empregos, só em São Paulo, numa demonstração de que com o crescimento da economia, com o crescimento das exportações, nós estamos gerando os empregos que precisamos gerar. Com investimento em saneamento básico estamos gerando os empregos que precisamos gerar, nós só não conseguimos fazer na pressa que eu gostaria de fazer.

Se eu pudesse, num ano só, criava todos os empregos necessários. Mas a geração de emprego está bem. Ela pode crescer, e o ano que vem certamente vai crescer muito mais, e eu espero que a gente possa ter, no Brasil, um índice de desemprego compatível com o chamado mundo



desenvolvido, ou seja, que chegue a quatro ou cinco, que é o que tem em média, no mundo, de desemprego. Mas nós diminuimos muito e vamos diminuir muito mais ainda. Muito mais. Por quê? Houve algumas coisas no Brasil que vocês acompanharam.

Quando nós criamos o crédito consignado, faz um ano e meio, Paulo, você sabe o quanto nós já colocamos na praça de dinheiro emprestado para trabalhador e para aposentado, que pagam menos de 50% dos juros que pagaram no agiota, 29 bilhões de reais, 11 milhões e meio de pessoas foram aos bancos e, destes, cinco milhões são aposentados. É o cidadão que vai lá pegar mil reais, pegar 500 reais, pegar 600 reais para pagar em 12 meses, 24 meses, 36 meses.

Nós agora fizemos a Medida do Bem. Essa Medida do Bem vai desonerar muita coisa no país. Para os táxis, diminuiu de três para dois anos. Eles agora vão poder, a cada dois anos, trocar o seu carro. Antes, você sabe que, você vendia uma casa, você pagava imposto sobre a venda da casa. Agora, não. Se você vender uma casa e, dentro de seis meses, você comprar outra para você morar, você não tem que pagar o imposto. Nós, agora, melhoramos... a Medida Provisória melhorou a questão das microempresas, ou seja, agora mudou a base de desconto, que era de 120, para 240 mil, e de 1 milhão e 200 para 2 milhões e 400. Para melhorar muito. E isso vai trazer o quê? Mais possibilidade de geração de empregos no Brasil.

Por isso, eu diria...

Paulo Barboza – Rádio Capital AM: As mulheres podem esperar...

Presidente: As mulheres podem esperar, e também porque as mulheres estão adentrando muito o mercado de trabalho. Eu fico feliz porque se a gente olhar o Brasil histórico, nós vamos ver que, há 30 anos, você tinha um percentual muito pequeno de mulheres trabalhando. As mulheres se prepararam para



entrar no mercado de trabalho, hoje elas disputam, palmo a palmo, com o homem, o direito de trabalhar; algumas funções que eram só de homens, hoje as mulheres já ocupam e, possivelmente, com mais competência do que...

Eu fui à Nuclep, no Rio de Janeiro, eu vi mulher, menina sendo torneiro mecânico, menina sendo soldadora. Isso, há 20 anos, dizia-se “isso é profissão de homem”. Não tem profissão de homem ou de mulher, ou seja, tem competência e a massa encefálica dentro da nossa cabeça não tem diferença entre homem e mulher. Tem trabalho em que a mulher tem muito mais competência, tem trabalho em que a mulher é muito mais produtiva, ela é muito mais dedicada.

E esse negócio da mulher é importante, Paulo, porque no programa Bolsa Família, preferencialmente nós damos o cartão para a mulher. E por que damos para a mulher? Porque nós sabemos que, se a mulher pegar 60, 70, 80 reais, ela não vai parar no bar e tomar um aperitivo, não, ela vai comprar comida para o seu filho, vai comprar o leite para o seu filho. No programa da agricultura familiar, nós criamos um programa estendendo para a mulher também fazer o seu financiamento, porque só o homem fazia. Então, a mulher também tem o direito, agora, de fazer o seu financiamento.

Significa que as mulheres podem ficar tranquilas, que o mercado de trabalho vai crescer, e eu espero que mais mulheres entrem no mercado de trabalho, porque acho que as mulheres cansam de ficar em casa, cansam de ficar só fazendo trabalho doméstico. Acho que elas querem sair e falar “eu sou competente, tenho competência, vou trabalhar, vou ganhar meu dinheiro e vou ser independente”. Porque isso é uma coisa sagrada. A mulher não depender do salário do marido é uma conquista incomensurável. Não precisar do marido “olha, me dá um dinheirinho para comprar uma meia, me dá um dinheirinho para comprar um chinelo, me dá um dinheirinho para não sei das quantas”... Nada, nada é mais fantástico do que você chegar no final do mês e ter o seu salário e não precisar... você pode compartilhar, com o teu parceiro, despesas



de casa, você pode compartilhar um monte de coisas. Mas você ter o seu dinheiro, eu acho que as mulheres conquistaram esse espaço e, cada vez mais, elas vão chegar ao mercado de trabalho.

Luiz Fara Monteiro: São 9h07 da manhã desta 5ª feira. Vamos ouvir, agora, o comunicador Roberto Canázio, da Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Presidente Lula, eu acompanhei atentamente toda a sua entrevista e percebo que existe um problema de comunicação, de integração, que desfavorece muito o Rio de Janeiro, nos três níveis: municipal, estadual e federal. Mas existe alguma coisa no Rio de Janeiro, perversa, que maltrata e que não depende dessa integração. Depende apenas, e tão somente, de um fiscal do governo federal – como o senhor disse que é inédito, ainda não existe –, para que o senhor possa saber o que está acontecendo lá. Como o meu programa tem como prioridade absoluta a terceira idade, eu agora me coloco à sua disposição, em um trabalho voluntário, de ser o primeiro fiscal do governo federal junto aos postos da Previdência Social do Rio de Janeiro que, na sua maioria, destrata e maltrata o aposentado e o pensionista. Nós estamos vivendo, ali, uma situação perversa que, eu tenho certeza que o senhor, se soubesse da metade, não aceitaria em hipótese alguma, mas eu acho que aí não é integração, aí é um contato direto entre o estado do Rio de Janeiro e o presidente da República ou o Ministério da Previdência Social. E a Super Rádio Tupi e eu, como estou nesta missão – o senhor já percebeu que o meu enfoque é sempre o social – eu gostaria de me colocar à sua disposição, em um canal aberto com o seu governo, para tentar melhorar o atendimento da Previdência Social, para restaurar a dignidade e a cidadania dos aposentados, dos idosos, da terceira idade do Rio de Janeiro.

Presidente: Canázio, obrigado pela pergunta, e você possibilitou que eu te



desse uma informação e, depois, eu vou pedir para o ministro da Previdência te telefonar porque quando o ministro Nelson Machado assumiu a Previdência Social, ele entrou com duas incumbências. Primeiro, moralizar a Previdência Social brasileira. Você sabe que nós estamos fazendo um cadastro, não é obrigando o cidadão de 90 anos a sair de casa, não. Nós vamos dar três oportunidades. Já começou, a pessoa tem que ir ao banco, recebe um formulário, preenche o formulário. Se não preencher no primeiro mês, tem o segundo mês; se não preencher no segundo mês, tem o terceiro mês; se não preencher, nós vamos suspender o benefício e vamos na casa da pessoa para saber o que está acontecendo, porque nós queremos saber quem tem direito e não está recebendo e quem não tem direito e está recebendo, você sabe que tem muita fraude na Previdência Social.

A segunda determinação: acabar com as filas do INSS. Quase 40% das pessoas que vão na fila do INSS vão atrás de uma informação. Nós já estamos com um telefone, um 0900 para as pessoas ligarem e receber parte das informações. Já estamos trabalhando até as 18 horas, e queremos ver se nós, até fevereiro ou abril... esses dias conversei com o Ministro e ele me disse que mais ou menos até fevereiro ou até abril está resolvido o problema das filas porque vai ter mais gente trabalhando, porque vai aumentar a carga horária de trabalho e porque vai ter mais opções de as pessoas se informarem. Muitas vezes, uma pessoa quer saber se tem direito ou não de se aposentar. Ela não precisa ir numa agência. Ela pode, por telefone, resolver esse problema porque não tem nada mais insano neste país do que um cidadão se levantar à meia-noite para ir para uma fila, às vezes, para ficar na fila o tempo inteiro.

Sabe o que eu me lembro? Uma vez eu fui procurar emprego na Mercedes Benz e era um desemprego, a crise de 1965, isso não me saiu da cabeça até hoje. E eu cheguei lá, tinha muita gente na fila, eu fiquei na fila. Eu estava com um sapato de couro duro, meu pé inchou. Tirei o sapato e quando pus o sapato, ele não entrou mais no pé. Eu fiquei das cinco da manhã às duas



horas da tarde. Aí, o cidadão pega a minha carteira profissional e fala assim: “não tem vaga”. Mas porque não colocou alguém na fila para ir dizendo: “qual é a tua profissão? Não precisa”. Ora, como é que pode alguém ficar na fila do INSS esse tempo inteiro? Então, o ministro Nelson Machado, eu vou pedir para ele te ligar porque ele está montando um grande esquema para que a gente, primeiro, moralize a Previdência, acabe com a corrupção, facilite os benefícios das pessoas.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: A perícia está muito difícil.

Presidente: Perícia é um problema. Sabe porque é difícil? Porque no ano de 2002 houve uma greve dos médicos peritos e, ao invés de se resolver o problema, se acabou com a perícia médica e, aí, aumentou muito o benefício do auxílio-doença. Nós, agora, estamos trabalhando para aumentar o número de perícias porque eu, como cidadão e como brasileiro, não me conformo de alguém precisar de um especialista, e falarem assim: “olha, nós estamos no mês de novembro, em outubro do ano que vem vai ter uma vaga”. Não, o cidadão tem que ter, porque quando ele entra no auxílio-doença, os primeiros 15 dias são pagos pela empresa, depois ele vai na perícia e a perícia decide se ele volta ou não. Às vezes ele chega lá quando terminam os 15 dias e dizem assim para ele: “olha, volte daqui a seis meses”. Aí não dá, porque a Previdência fica pagando seis meses, desnecessariamente.

Então, Canázio, terminando o programa aqui, vou pedir para o ministro Nelson Machado te ligar para que você possa interrogá-lo, ou melhor, entrevistá-lo sobre o que nós estamos fazendo na Previdência Social. A ordem é acabar com as filas, dando dignidade ao cidadão. Eu tenho até pedido para o Nelson, que se não resolver, coloque os funcionários para atender na fila, de manhã. Chegou lá, atende. É muito fácil.



Roberto Canázio – Rádio Tupi: Eles alegam que são poucos, que haveria necessidade de contratar mais.

Presidente: São poucos, veja, precisa contratar mais. Mas a verdade é que a carga horária era muito pequena. As pessoas começavam a trabalhar às oito...

Roberto Canázio – Rádio Tupi: E tem uma outra coisa, me desculpe interrompê-lo, vai até.. supondo, cinco horas, às duas horas, duas e meia, eles baixam...

Presidente: Agora vai atender. Por isso que eu quero que você faça a entrevista. É das 8h às 6h.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Sem baixar a porta às três horas da tarde...

Presidente: Sem baixar o portão, ou seja, é atender o povo e não precisa... eu estou te dizendo, Canázio, que metade das filas podem terminar com pouca coisa. Então, eu acho que isso vai ser resolvido e eu espero que o ano que vem... eu vou te ligar para a gente fazer uma entrevista e aí a gente vai discutir o que aconteceu na Previdência Social.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: O senhor está assumindo esse compromisso com a família da Super Rádio Tupi.

Presidente: Assumindo o compromisso com a família da Rádio Tupi, dizendo ao povo do Rio de Janeiro e ao povo brasileiro: nós vamos acabar com as filas no INSS, melhorando o atendimento das pessoas.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: E quando será a entrevista, para a gente



passar tudo isso em revista, o que o senhor falou agora?

Presidente: Eu disse agora o seguinte: o Ministro pode te ligar amanhã para te passar detalhes.

Roberto Canázió – Rádio Tupi: Mas, o senhor, eu vou dar um tempo, é evidente...

Presidente: A partir de março, começo de abril. Pode me cobrar.

Roberto Canázió – Rádio Tupi: Vou cobrar, está gravado.

Presidente: Está gravado.

Luiz Fara Monteiro: Falamos ao vivo do Palácio do Planalto. Agora é a vez de Antônio Carlos, da Rádio Globo do Rio de Janeiro.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Presidente, quando um técnico de futebol está prestigiado, é que ele vai cair. Então, a gente quer saber o seguinte: a imprensa diz que o Palocci está prestigiado. Ele continua no governo ou sai do governo?

Presidente: Continua no governo. Uma coisa que a sociedade brasileira tem que saber, para que a gente faça justiça: o Palocci é um homem de uma competência acima da média das pessoas que já passaram pela Fazenda, no Brasil, com a vantagem que, como ele não é um economista, ele não fica sensível às teses e teses que são debatidas. Eu conheço o Palocci há muitos anos, ele é um homem calculista. Você nunca ouviu o Palocci levantar a voz. O Palocci é incapaz de dizer que vai fazer uma coisa que não pode fazer. E ele



passa tranquilidade na economia brasileira, passa tranquilidade para os investidores.

Antônio Carlos – Rádio Globo: Porque o senhor deixa a ministra Dilma, então, dar essas cacetadas?

Presidente: Veja, não é que a Dilma dá cacetada. Veja, é que também eu não posso cercear as pessoas de terem divergências. Eu, de vez em quando fico chateado porque eu gostaria que a divergência se desse numa mesa como esta aqui. Agora não, porque nós estamos transmitindo. Mas, veja, a divergência é salutar porque tudo começa com uma tese. Quando um ministro traz uma proposta para discussão, aquilo, por enquanto, é uma proposta. Aquela proposta vem para a mesa, é debatida, é levada para que outros ministros que estão envolvidos naquela proposta digam se concordam ou não.

Eu vou dar um exemplo, a biossegurança. Nós tivemos, agora, uma celeuma. Nós tínhamos dois ministros de um lado e dois ministros de outro, Tecnologia e Agricultura de um lado, MDA e Meio Ambiente do outro lado. Um queria uma comissão de 14, o outro, uma comissão de 18. E vai, vai, vai se arrastando. Bem, eu chamei os quatro ministros e disse o seguinte: olhem, já que vocês não se entendem, eu vou deliberar, vão ser 18. Todos os projetos são assim. Então, se tem uma discussão econômica e ela ainda não virou política pública do governo, não tem uma decisão do governo, os ministros podem debater. Eu gostaria que eles debatessem entre eles e que só fosse para a imprensa o resultado final, que é isso que interessa ao povo brasileiro.

É como uma investigação policial, Gil, não interessa você ficar dizendo, todo santo dia, cada passo que você dá. O que é importante é você trabalhar seriamente e apresentar o resultado final. Então, eu acho que o Palocci é uma figura extremamente importante nesse momento político e econômico do Brasil. E o Palocci foi convidado por mim, continuará por mim e será o meu Ministro



da Fazenda. Isso não tem discussão, não tem especulação. Eu até disse outro dia: quem quiser especular, vá para a Bolsa de Valores, não faça isso com o nome de ministros.

E a política econômica, você pode querer um pouco mais ou um pouco menos, mas o dado concreto é que há 20 anos a gente não tinha a tranqüilidade na economia que nós temos hoje. Há 20 anos. É só você pegar o que está acontecendo no turismo, no Brasil, nós quase duplicamos o número de passageiros que estão viajando neste país, que é a demonstração do crescimento econômico. Nós estamos reformando todos os aeroportos para poder atender mais gente. O Santos Dumont, nós vamos agora reformar, vamos fazer um aeroporto mais moderno. O de São Paulo já reformamos e, agora, aquele estacionamento nós vamos fazer, inaugurar em dezembro e também vai ter uma complementação. Por quê? Porque está crescendo a economia, então, porque eu iria mexer no Palocci? Não iria mexer.

Sabe, mexer no Palocci é a mesma coisa que pedir para o Barcelona tirar o Ronaldinho de jogar deixa ele jogando, ele está bem. De vez em quando, o Ronaldinho perde um gol, de vez em quando o Palocci pode dizer alguma coisa que alguém não goste, mas isso faz parte da vida. No geral, as coisas estão indo muito bem. E podem melhorar, trabalhamos para melhorar.

Luiz Fara Monteiro: Nós estamos acompanhando, ao vivo, a entrevista coletiva do presidente Lula, concedida a comunicadores do Rio e de São Paulo. E os nossos agradecimentos às emissoras de todo o Brasil que transmitem esta entrevista.

Agora vamos ouvir Gil Gomes, da Rádio Tupi AM de São Paulo.

Gil Gomes – Rádio Tupi AM: O senhor perguntou a si mesmo, no começo, porque aquele menino de pé no chão, de Garanhuns, chegou a Presidente da República. Será que não foi para concretizar a profecia de Antonio Conselheiro,



de que, um dia, o rio viraria mar? Como está o projeto São Francisco?

Presidente: Gil. Canázio, primeiro, uma boa notícia: o ministro Nelson Machado já está vindo para cá para conversar contigo, depois do programa.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Eu agradeço.

Presidente: O projeto São Francisco é uma necessidade do atendimento para 12 milhões de brasileiros terem água potável para beber. É a região em que chove menos no país, é a região mais empobrecida do país, e é a região esquecida desde 1847, quando Dom Pedro pensou em fazer o projeto da transposição das águas do rio São Francisco. Nós vamos tirar apenas 1% da água do rio São Francisco. Vamos levar por um canal de, aproximadamente, 700 quilômetros e desapropriamos dois quilômetros e meio do lado de cada canal para que a gente possa assentar famílias e fazer alguns projetos de fruticultura, de produção de alimentos para as famílias, para a agricultura familiar no Brasil. E vamos levar água. Agora, tem gente que é contra.

Eu era muito pequeno, eu carregava pote d'água em um caçuá. Colocava o balaio em um jumento e ia buscar água. As mulheres, ainda hoje, carregam por seis quilômetros, oito quilômetros, dez quilômetros, um pote d'água na cabeça. E água barrenta, água que você coloca para assentar, tem caramujo, tem fezes de animais. Às vezes, as mulheres ficam horas esperando um caminhão-pipa, que é uma indústria de explorar a seca no Nordeste, e nós queremos levar... Nós não queremos prejudicar a Bahia, não queremos prejudicar Sergipe ou Alagoas, que são os estados que têm comportamento contra. Eu fico pensando que o povo brasileiro é tão generoso que não vai abdicar de dar um copo d'água para quem tem sede.

Nós vamos tornar os açudes perenes porque o canal só vai tirar água quando tiver água nos lagos que produzem energia elétrica, e nós vamos



manter os açudes perenes, ou seja, não vai mais secar o açude, ele vai enchendo, vai passando para outro, ou seja, vamos resolver um problema crônico que existe desde que o Brasil é Brasil. E é uma coisa muito pequena para atender 12 milhões de pessoas.

Nós estamos revitalizando as cidades, porque tem gente que diz “não, porque vai acabar com o rio São Francisco”. Mas, durante três séculos, queimaram todo o cerrado para fazer carvão. Até hoje as cidades jogam esgoto dentro do rio. Nós é que vamos revitalizar e estamos propondo a aprovação de uma PEC no Congresso Nacional para criar um Fundo que, durante 20 anos, seja utilizado para revitalizar as margens do rio São Francisco, para fazer o tratamento de esgoto, a coleta de esgoto, para não permitir que jogemos mais dejetos dentro do rio São Francisco. Então, é um projeto muito sério, muito conseqüente que, eu tenho fé em Deus, a gente vai fazer.

Querem mais debate? Vamos fazer mais debate, isso é parte da democracia, viu, Gil Gomes? É parte. Às vezes cansa, mas é a democracia. Como nós estamos convencidos da importância e da necessidade do projeto, nós vamos fazê-lo. Vamos fazê-lo, como vamos fazer uma coisa – quero aproveitar, aqui, os cariocas e os paulistas que estão me entrevistando e, como São Paulo tem muito nordestino, no Rio também tem muito nordestino – nós estamos fazendo uma revolução estruturante no Nordeste brasileiro. Nós estamos levando uma refinaria para o Nordeste brasileiro. Nós estamos, agora... Eu vou ao Ceará amanhã, nós vamos anunciar a Transnordestina, que é uma ferrovia que liga o Porto de Suape ao Porto de Pecém, em um projeto privado em que o governo entra com o financiamento via BNDES e via Fundos Constitucionais, um investimento de 4 bilhões de reais na região.

Nós estamos com o Programa de Biodiesel, que ontem teve um leilão e três ou quatro empresas participaram, vão produzir 70 milhões de litros e a Petrobras vai comprar. E o biodiesel produzido da mamona, para cada trabalhador na fábrica, gera 1000 empregos no campo, o que é uma coisa



excepcional para gerar empregos.

Nós vamos fazer uma siderúrgica no Ceará e nós vamos fazer com que... vai ter uma pequena refinaria no estado do Rio Grande do Norte e vamos fazer a grande rodovia, duplicar a grande rodovia do turismo no Nordeste, ligando o Rio Grande do Norte à Bahia. Nós tivemos problemas porque era para começar em março, mas você sabe como é... as empreiteiras, uma ganha, outra perde, uma entra com uma liminar, o juiz dá liminar, então aquilo vai que não anda, que não anda. Esta semana eu fiquei cansado, chamamos o Ministro dos Transportes aqui e o Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro vai começar a fazer os primeiros 50 quilômetros em Recife, os primeiros 50 quilômetros na Paraíba, os primeiros 50 quilômetros no Rio Grande do Norte, porque senão as coisas não andam.

Então, eu estou certo de que todos nós aqui nesta mesa, eu, por ser nordestino, vocês que não são nordestinos mas que moram nesses estados, sabem que tem uma importância nordestina em cada estado desses, e nós achamos que quando o Nordeste estiver desenvolvido, mais próximo do Centro-Sul do país, nós vamos viver muito melhor.

Veja, nós temos agora, no Rio de Janeiro... Ontem eu vi um dado, Canázio e Antônio Carlos, ontem eu vi um dado do Presidente da Petrobras, que eu fiquei... está até aqui, escrito. Vocês sabem quanto a Petrobras vai investir no Rio de Janeiro, até 2010? Oitenta e seis bilhões de reais. Isso foi dito ontem pelo Presidente da Petrobras, no ato da P-50. Oitenta bilhões de reais, o que é uma coisa extraordinária para o estado do Rio de Janeiro. Investe muito mais do que o governo federal. Eu fico pensando que devia ter eleição para presidente da Petrobras e o presidente da República ser indicado pelo presidente da Petrobras, porque eu nunca vi ter tanto dinheiro. Isso é o triplo do que o governo federal pode investir.

Então, eu estou achando que nós estamos vivendo um momento de consolidação do Brasil, extraordinário. Aqui nesta sala, Canázio, Antônio



Carlos, Paulo Barboza e Gil Gomes, aqui, a esta mesa se sentou o primeiro ministro do Japão. Fazia 28 anos que a gente estava tentando vender manga para o Japão e o Japão não comprava, por conta do bicho da mosca, lá, a mosca da fruta, lá. Eu me sentei aqui e a primeira coisa que eu fiz foi mandar buscar um prato de manga para o Koizumi comer. Eu disse para ele: “Ministro, experimente a manga brasileira, que eu quero saber a razão pela qual não se compra manga do Brasil”. Em janeiro deste ano, foi o primeiro carregamento de manga para o Japão.

Aqui, a esta mesa, se sentou o presidente Putin – e vocês estão vendo lá o estado do Amazonas, naquele mapa do Brasil – e começou a discutir a questão da febre aftosa. Eu peguei o presidente Putin, me levantei e ali, na frente do mapa, falei: Presidente, quando falar em febre aftosa no Brasil, o senhor tem que ter dimensão do nosso território. Aí, peguei o dedo e coloquei lá no estado do Pará com o Amazonas, onde estava o foco – isso, no ano passado – e falei a distância até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Eu falei: “olhe, isso aqui dá três vezes a distância da Alemanha para a Rússia. Portanto, quando disser que tem um foco de febre aftosa no Brasil tem que perguntar que região, que local, porque às vezes não tem nenhum problema do ponto de vista do nosso comércio exterior. E isso tem dado um resultado muito grande, essa franqueza, essa quantidade de viagens que nós estamos fazendo.

Essa semana mesmo, o ministro Furlan pediu para mim o Sucatão para levar 60 empresários para a Nigéria para fazer negócios, para vender avião, para vender sapato, para vender roupa, para vender o que nós tivermos que vender porque, se não for assim, meu caro, a Europa é muito mais perto, então, ninguém vem ao Brasil comprar, vai direto para a Europa. Se nós não formos ao Equador, eles preferem pegar um avião para Miami, já compram em Miami. Então, nós é que temos que ir lá. Nós temos produtos para vender, nós temos indústria para produzir e nós queremos gerar emprego para o nosso



povo, então nós vamos lá. E isso tem dado um resultado extraordinário, é isso que me motiva todo dia. Me motiva a me levantar todo dia, eu sempre me levanto e digo o seguinte: “hoje vai ser melhor do que ontem”. E já estou preparando para amanhã dizer: “amanhã vai ser melhor do que hoje, e assim vamos tocando a vida”.

Jornalista: E quando a noite é ruim e o senhor tem pesadelo? O senhor sonha com o Marcos Valério ou com o Delúbio Soares?

Presidente: Eu não tenho pesadelo. Eu sou um cidadão que, durante a minha vida inteira, quando encosto a cabeça no travesseiro, eu durmo tranquilo. Acho que eu tenho muito mais razões para sonhar coisas boas do que para ter pesadelo.

Luiz Fara Monteiro: São 9h29 minutos. Vamos fazer mais um intervalo e voltamos daqui a pouco, ao vivo, aqui, direto do Palácio do Planalto.

São 9h33. Já estamos de volta, direto do Palácio do Planalto. Radialista Paulo Barboza, da Rádio Capital de São Paulo.

Paulo Barboza – Rádio Capital AM: Presidente, com tanta coisa que a gente ouviu aqui, boa, como é que o Presidente explica a queda da sua popularidade, segundo uma pesquisa que ontem a gente tomou conhecimento, e tanta coisa boa acontecendo, inclusive domingo que vem, se Deus quiser, vai acontecer uma coisa boa para todos nós, que é a vitória do Corinthians. Eu lhe mando esta gravata de presente, que você gostou tanto. Mas, Presidente, e agora? Na última entrevista com os comunicadores, o Presidente teria dito que ia ser candidato e depois não ia mais ser candidato. E agora, o que eu posso falar para o meu neto de 10 anos, o Paulo Felipe, e o meu netinho de 3 anos, o Rodrigo? E aí, é ou não é candidato?



Presidente: Paulo, eu vou dizer uma coisa com muita sinceridade para você. Quando você pergunta... houve uma pesquisa ontem que eu ainda não vi e o Presidente caiu um pouco mais. A pergunta que eu faço é a seguinte: que presidente resistiria ao bombardeio que eu estou sofrendo desde junho? Eu estou dizendo isso para mostrar que houve momentos, nestes últimos tempos, em que notícia boa não era publicada.

Nós fomos ao Rio de Janeiro, Canázio, isso é importante, Paulo, fomos ao Rio de Janeiro lançar livros em braille para o ensino médio brasileiro, para os estudantes do ensino médio brasileiro, que era uma coisa fantástica. Você acredita que não saiu uma nota no rodapé de nenhum jornal do Brasil? Porque há uma predominância, eu não sei por que, de vender coisas negativas. Não é que eu não quero que venda, não. Pode colocar as coisas negativas, pode colocar. Agora, é preciso dizer o que está acontecendo.

Um dia desses eu fui inaugurar uma grande obra aqui neste país, eu vi um jornal que coloca a minha foto, mas não diz o que eu estava fazendo, o que eu fui fazer, o que eu inaugurei, ou seja, quem viu a foto, viu a foto mas não sabia o que estava acontecendo.

Então eu acho que a gente, quando ganha a Presidência da República, a gente fica tomado de uma responsabilidade que o ser humano só sabe quando ganhar a Presidência da República. Então eu tenho menos é que me queixar, e tenho mais é que cumprir com as minhas obrigações. Tudo o que a gente fizer, as pessoas vão ver, pode ficar certo que vão ver. E eu acho que nós estamos fazendo coisas extraordinárias.

E por que eu... Eu cometi um erro aqui, aquele dia, eu não tinha entendido que eu tinha falado que era candidato, porque eu não tenho falado para minha mulher, eu não tenho falado para os meus filhos. Eu não posso, eu tenho um mandato a cumprir, eu tenho um ano e um mês ainda para cumprir este mandato. Eu não tenho que decidir agora se eu sou candidato ou não,



quem tem que decidir são os meus adversários, que estão dando trombada aí, xingando e ficando nervosos e... Eu não tenho razão para isso. Eu tenho mais um ano de mandato, já fiz todos os apertos que eu tinha que fazer, agora temos só a expectativa de que o ano vai ser muito melhor, muito melhor, então eu vou esperar. No momento certo, eu vou dizer “sou ou não sou. Mas eu tenho que esperar o meu momento para dizer isso. Por isso, não tem... isso não mexe com a minha cabeça, não me preocupo, não durmo e acordo pensando nisso. Isso é consequência de um trabalho que a gente faz.

Luiz Fara Monteiro: Nove e trinta e seis. Vamos ouvir Roberto Canázio, da Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Roberto Canázio – Rádio Tupi: Presidente Lula, eu vou ceder meu espaço aos pensionistas, aposentados e pensionistas do estado do Rio de Janeiro para ouvir, exatamente, o senhor convidou e o Ministro da Previdência Social, Nelson Machado encontra-se aqui. Eu cedo o meu espaço ao Ministro para não atrasar a entrevista. Então o espaço, que seria meu, eu cedo ao senhor para que o senhor se dirija aos aposentados e pensionistas do Rio de Janeiro. Aí já não é só do Rio de Janeiro, mas eu “puxo a brasa para a minha sardinha”, mas para aposentados e pensionistas brasileiros.

Ministro Nelson Machado: Bom dia, Presidente. Bom dia, caros ouvintes. É importante ressaltar...

Presidente: Primeiro você tem que saber o compromisso que eu assumi com o Canázio, aqui. Está gravado, que é o compromisso de que você tem duas tarefas que são extremamente sérias: moralizar a Previdência pública, diminuir o seu déficit, e acabar com as filas.



Roberto Canázio – Rádio Tupi: Essa, a primeira o senhor está dizendo agora.

Presidente: Eu falei moralizar, eu falei no começo, eu não falei do déficit, mas é o déficit também, e o déficit causado por gente que deve estar recebendo o que não tem direito. Mas ele entrou com esta incumbência, na Previdência, e você explica aí.

Ministro Nelson Machado: Presidente, era exatamente isso que eu ia dizer. Nós escrevemos três frases a partir dessa sua colocação, desse seu pedido. No dia em que me convidou para ser ministro, nós escrevemos três frases que toda a organização do INSS e do Dataprev lêem todos os dias, de manhã, de tarde e de noite, que é: melhorar o atendimento aos nossos beneficiários e segurados, combater as fraudes e os desperdícios e reduzir custos. Então, essas três frases norteiam toda a nossa organização nos últimos quatro meses. O que já foi feito, que é muito importante, viu Canázio, para você perceber, nesses quatro meses? Presidente, primeiro, nós já adquirimos 27 mil novos computadores para trocar todos os computadores de todas as agências do INSS no país e inteiro. Até fevereiro nós teremos computadores novos em todas as agências. Segundo, nós estamos iniciando, nesta sexta-feira, nas 30 maiores agências do INSS do país, um programa de qualidade no atendimento.

Todos vocês sabem que um programa de qualidade, ele tem que ser feito com muito cuidado e ele é feito em ondas, em processos. Então, a primeira parte da onda foi treinar consultores internos. Faz um mês que nós abrimos, em São Paulo, uma turma de 200 funcionários do INSS, é importante dizer isso, Presidente, nós não estamos chamando uma consultoria externa, trazendo de fora, não, é pessoal de dentro do INSS, são funcionários que estão sendo treinados, capacitados, para serem consultores de qualidade interna. E agora esses consultores, no dia 25, vão estar iniciando um processo nas 30 maiores agências. Inclusive, Presidente, cada um dos dirigentes da Previdência



Social: eu, o Presidente do INSS, o Presidente da Dataprev, os diretores de Recursos Humanos, cada um de nós vai estar numa grande cidade. Eu vou estar, por exemplo, em Salvador.

O Coordenador do programa de Qualidade, esse é um nome bonito, chama-se programa de Gestão em Atendimento, que é o Leonardo, vai estar no Rio de Janeiro nesta sexta-feira. Você podia até conversar com ele, Canázio.

Hoje, agora, às 11 horas eu vou estar dando uma coletiva, aqui, no meu gabinete, explicando o que é esse programa da Qualidade, porque é fundamental esse programa de Qualidade. Porque sem a qualidade não adianta. Repetindo os métodos antigos, as formas de trabalhar antigas, nós não vamos conseguir reduzir as filas. Então, Presidente, o nosso compromisso é, efetivamente, reduzir as filas. Este é o nosso indicador, este é o nosso compromisso, e eu tenho certeza de que, como esse é um processo, não será amanhã que a gente vai conseguir. Mas, seguramente, a partir de fevereiro, os resultados vão começar a aparecer.

Presidente: Deixa eu dar um alerta para você. Você está falando aqui para a Rádio Globo, do Rio de Janeiro; está falando para a Rádio Tupi do Rio de Janeiro; para a Rádio Tupi, de São Paulo e para a Rádio Capital de São Paulo. Você está falando para uma imensidão de mulheres e homens que estão neste momento fazendo alguma coisa e ouvindo. Agora, nós podemos afirmar para o Paulo Barboza, para o Antônio Carlos, para o Gil Gomes e para o Roberto que nós vamos terminar com a fila do INSS.

Ministro Nelson Machado: Nós vamos melhorar a partir de fevereiro, Presidente. Acabar com a fila de uma vez é muito difícil, porque uma fila normal é necessário inclusive para organizar o procedimento. Em qualquer banco, em qualquer lugar do mundo em que a gente for, qualquer repartição, qualquer



empresa, inclusive, que tem atendimento, ela organiza as pessoas em fila. Então, uma fila pode ser uma fila ruim, desconfortável, e pode ser a organização do atendimento. Então, nós vamos organizar o atendimento.

Jornalista: Ministro, me permita, reduzir a fila e o que também é tão ou mais importante, que é o tempo de espera para a perícia.

Ministro Nelson Machado: Muito bem colocado, Canázio, nessa questão das perícias nós temos duas questões importantes. A primeira, nós estamos substituindo todos os médicos credenciados por médicos concursados. Isso já está na lei. A partir de 18 de fevereiro os médicos credenciados serão todos substituídos por concursados. O governo já fez, no começo do ano passado, o concurso para 1 mil e 500 e nós estamos iniciando, Presidente, outro concurso para mais 1 mil e 500. O Paulo Bernardo assinou ontem a portaria, já está no Diário Oficial, o edital deve estar saindo para convocar mais 1 mil e 500.

Porque é importante o médico ser concursado? Porque aí ele passa a ser um médico integral da Previdência, que vai cuidar de fazer não só a perícia. Nós temos que fazer a perícia, mas temos que nos preocupar também com a recuperação da saúde do trabalhador, da condição de empregabilidade, da condição de trabalho. Isso que é mais importante.

Luiz Fara Monteiro: Obrigado pela presença ministro Nelson Machado.

Presidente: O Nelson está tomando a minha entrevista. Agora, Nelson, você pára por aí, que eu sou o entrevistado aqui.

Luiz Fara Monteiro: A gente agradece a presença do ministro da Previdência, Nelson Machado. Vamos, então, passar a bola para o apresentador Antônio Carlos da Rádio Globo, do Rio de Janeiro.



Antônio Carlos – Rádio Globo: Presidente, eu sempre tive muita vontade de perguntar ao senhor porque o senhor não utiliza a Forças Armadas, o Exército, a Aeronáutica, a Marinha para educar esses jovens que os traficantes estão pegando e botando para trabalhar. O Exército vai ensinar a disciplina, vai colocar os garotos em ordem, vai ensiná-los a respeitar as leis. Por que o Exército não pode ajudar? O Exército, antigamente, convocava os garotos para servir. Hoje em dia, parece que o Exército não tem dinheiro, o sujeito é dispensado na hora do almoço. O que está acontecendo?

Presidente: Não está mais sendo dispensado na hora do almoço, desde que eu tomei posse. E o ano passado, só para você ter idéia, nós contratamos, nós recrutamos 30 mil jovens a mais do que a média que as Forças Armadas recrutava, para formá-los profissionalmente. Então, todos esses jovens aprenderam.

Antônio Carlos – Rádio Globo: É o Soldado Cidadão.

Presidente: É o Soldado Cidadão. Teve no Rio de Janeiro, teve em São Paulo, teve nas capitais do Brasil inteiro. Este ano, vamos repetir a dose e vamos sempre aumentando mais porque, primeiro, eu acho que é extraordinária essa formação cívica que as pessoas têm. Segundo, se as pessoas aprenderem uma profissão, vai ficar muito mais fácil adentrar o mercado de trabalho. O ideal é que a gente possa ir fazendo esse número crescer a cada ano porque uma das preocupações que eu tenho na minha vida, Antônio Carlos, e eu acho que deve ser a de todo mundo que é pai, é como cuidar desses adolescentes quando eles perdem a perspectiva de vida.

O processo de desagregação da estrutura familiar, às vezes, é levado por problemas sociais, às vezes, levado por problemas de droga. Pai não



consegue mais mandar no filho, o filho não respeita o pai, ou seja, isso precisa voltar a acontecer, unificar a família brasileira. Não tem nada mais extraordinário do que pai e mãe se sentarem à mesa com todos os filhos, seja para comer uma pizza, seja para almoçar, seja no domingo para comer um churrasco, e isso está ficando cada vez mais difícil. E é difícil você recuperar... Quando eu vejo as revoltas na Febem, em São Paulo, e está tendo mais revoltas do que em qualquer outro momento da história deste país, é que o problema não se resolve apenas com castigo. Se você não incluir a família na recuperação daquele jovem, ele não será recuperado porque muitas vezes o problema dele foi criado dentro da família por divergência, por problema de briga, por problema de álcool. Então, é um desafio que eu jamais vou culpar um governador, um prefeito, um presidente da República, um secretário de Justiça, por algumas coisas que acontecem, porque são coisas que vão surgindo ao longo do tempo, quando todos nós acordamos, a coisa está muito feia.

Então, essa juventude é a grande preocupação. Por isso é que nós criamos o ProUni, para abrir vagas – eu disse no começo do programa, foram 112 mil vagas. Nós, agora, estamos fazendo uma coisa, Antônio Carlos, que é um sonho que eu tinha, que vai ser concretizado. Nós estamos fazendo quatro universidades novas, nós estamos fazendo 32 extensões: levamos para Volta Redonda, levamos para Nova Iguaçu, levamos para as regiões mais pobres do país, levamos para Sorocaba. São Paulo, nós fizemos Sorocaba, começam as aulas, é uma extensão da Universidade Federal de São Carlos; levamos para Sorocaba, levamos para Santos, estamos levando para Diadema. Nós estamos espalhando, e vamos fazer 32 escolas técnicas. Eu, agora, estou discutindo com os Ministros da Educação e da Fazenda um novo plano, porque eu acho que não tem saída para este país se a gente não apostar na formação dessa juventude e, sobretudo, apostar na formação profissional.



Na medida em que a economia vai crescendo, nós vamos ter falta de mão-de-obra especializada. Você sabe que, no Brasil, nós estamos tendo falta de soldador. Então, nós precisamos formar essa juventude, urgente. Isso não se resolve na política convencional. Nós vamos ter que tomar medidas duras, como diria o Gil Gomes, radicais, para que a gente possa dar a essa juventude mais esperança, mais certeza de que nós vamos tratar de garantir as oportunidades que eles tanto precisam.

Nós estamos fazendo, este ano, uma coisa que no Brasil não se fazia há muito tempo. No Brasil... Você sabe que em São Paulo, por exemplo, não tem mais prova no final do ano em escola. É ensino continuado, ou seja, a criança entra e não tem uma medição se ela está aprendendo ou não. Antes, fazia-se uma amostragem com 200 mil alunos. Nós, este ano, estamos fazendo provas para todos os alunos da 4ª e da 8ª séries. São 5 milhões de alunos, a gente vai poder medir o grau de aprendizado deles, o grau de educação que o professor está dando na sala de aula, qual a escola que está funcionando bem ou não, porque só tem sentido uma criança ir à escola se ela for para aprender.

Nós fizemos a Olimpíada da Matemática, muita gente dizia que a escola pública não participava, que não ia querer. Começamos no ano passado. Só tinha na escola privada, por volta de 200 mil alunos. Sabe quantas crianças se inscreveram para a Olimpíada da Matemática? Onze milhões e meio de crianças, das quais 10 milhões já fizeram a primeira fase. Vão fazer a segunda e, depois, nós vamos fazer Olimpíada de Português, vamos fazer Olimpíada de Geografia. Nós vamos transformar essa educação, melhorando a qualidade da educação porque é preciso melhorar a qualidade, mas fazer com que o estudante, o menino e a menina, o adolescente, quando tiver que ir à escola, vá com prazer, vá com muita vontade porque aí, certamente, aprenderá com muito mais facilidade.



Luiz Fara Monteiro: São 9h49. Estamos ouvindo a entrevista coletiva do presidente Lula, direto do Palácio do Planalto. Na próxima semana teremos outra coletiva concedida às redes nacionais de rádio. Vamos ouvir Gil Gomes, da Rádio Tupi de São Paulo.

Gil Gomes – Rádio Tupi: Todo mundo sabe que o sistema penitenciário brasileiro está falido: superpopulação, tratamento inadequado. A recuperação é difícil. O que mais cresce na cadeia é o crime; PCC, CV, etc e tal. O que o governo federal pode fazer por isso? Estão sendo construídas cadeias federais?

Presidente: Estão sendo construídos cinco presídios federais. O primeiro deles deverá ser inaugurado este ano, no estado do Mato Grosso do Sul, depois estamos construindo um em Catanduvas, no Paraná, estamos construindo outro em Mossoró, no Rio Grande do Norte, está em licitação um em Porto Velho, em Rondônia e um no município de Viana, no Espírito Santo.

Gil Gomes, você é especialista em coisas de violência, de polícia. Você, há 30 anos, trabalha com isso.

Gil Gomes – Rádio Tupi: Quarenta e sete anos.

Presidente: Quarenta e sete? Você sabe que o papel do governo federal é um papel secundário quando se diz segurança pública, porque ela é toda da responsabilidade do governo do estado. Quando o governo do estado pede ajuda ao governo federal, nós fazemos. O exemplo maior que eu dou todo dia é o estado do Espírito Santo, que tinha o crime organizado, preparado, tinha presidente da Assembléia que era chefe, tinha Poder Judiciário. Pediram a ajuda do governo federal, nós entramos com tudo lá e resolvemos o problema do Espírito Santo. Quem tiver dúvida, ligue para o governador Paulo Hartung.



Ora, se os estados precisarem do governo federal, nós criamos uma Força Pública nacional que nós preparamos, temos agora quase quatro, 3.800 homens preparados, de vários estados, é gente de elite nos estados que nós estamos formando novamente, sob orientação do governo federal, para que eles possam ajudar a resolver problemas crônicos nos estados. E aí tem que combinar essa questão da segurança pública com mais policiais mas, sobretudo, com policiais mais qualificados tecnicamente, cientificamente. E nós temos que ter no sistema penitenciário brasileiro a idéia fixa de que as pessoas podem ser recuperadas. Dependendo do tamanho do crime, da gravidade do crime, as pessoas podem ser recuperadas. Então, você não pode trancafiar todo mundo na mesma gaiola. É preciso que você faça uma diferenciação.

Nós formamos a nossa Polícia Federal, a inteligência está funcionando. Nós criamos gabinete de gestão integrada entre todas as secretarias de segurança pública, nós estamos implantando um sistema chamado AFIS, de identificação digital. Porque o que acontece hoje? Um cidadão mata alguém em Goiás ou mata em Pernambuco ou mata no Ceará, vai para outro estado e continua matando, e você não sabe. Hoje, não. Hoje nós temos condições, vai entrar em janeiro em vigor, se a gente pegar uma impressão digital, *on line*, o Brasil inteiro vai saber, ou seja, as pessoas vão ter, no mesmo momento, a impressão digital daquele cidadão, para a gente saber o seguinte: o cidadão vai ser preso onde ele estiver.

Então, nós modernizamos a nossa parte, estamos contribuindo com esse sistema de gabinete de gestão integrada com a formação, trabalhando junto com os secretários, porque há muita disputa, você sabe, disputa entre as áreas federais, as áreas estaduais, as áreas municipais. Eu poderia dar o exemplo de Diadema, gente, que poderia servir para todos os prefeitos do mundo e, sobretudo, do Brasil.

Em Diadema, o que aconteceu? Em Diadema, se fez muito envolvimento da sociedade, se fechou os bares às onze horas da noite e diminuiu em 40% a



violência em Diadema, diminuiu a criminalidade. Vocês, que são de São Paulo, sabem que Diadema, que era quase a primeira ou a segunda, hoje é a décima nona, numa demonstração de que vale a pena o esforço. O que não pode é o prefeito ficar culpando o governador, o governador ficar culpando o presidente da República, o presidente da República culpa não sei quem, e não se resolve. Se cada um fizer a sua parte, podem ficar certos de que a chance que nós temos de resolver o problema da segurança e do sistema penitenciário é muito maior.

Quando eu vejo aquela molecada toda na Febem, eu fico pensando que se uma parte dela estivesse em casa, com assistente social cuidando da família, se não resolvia muito mais do que trancafiar aquele cidadão numa gaiola, porque não tem recuperação de animal ou de alguém, dentro de uma gaiola. Não tem. Você tem um cachorrinho de estimação, coloque-o numa gaiola e prenda para você ver como é que ele vai ficar.

Então, eu penso que nós precisamos trabalhar um pouco mais cientificamente, de forma mais inteligente. E é esse o papel do governo federal, de tentar organizar essas coisas. E estamos avançando muito.

Antigamente, os secretários nem conversavam, antigamente, o dinheiro era passado de acordo com a pressão política. Hoje, não. Hoje, o dinheiro é repassado de acordo com a população, de acordo com o número de policiais, de acordo com o sistema penitenciário, para que todo mundo tenha o mínimo necessário para sobreviver.

E estamos avançando muito. Você conhece o ministro Márcio Thomaz Bastos, você conhece o Luís Fernando, que é o nosso secretário de Segurança Pública, são pessoas altamente qualificadas. Só que essas coisas não têm solução milagrosa, ou seja, não é em um passe de mágica, é um processo. É em um processo combinado de geração de empregos, de formação escolar, de melhor polícia, de mais inteligência, que a gente vai conseguir resolver o problema da segurança pública no Brasil, do sistema penitenciário, e o sonho



que eu tenho é o sonho que vocês têm: um Brasil com, cada vez mais, menos gente na cadeia e mais gente dentro da fábrica trabalhando, ou mais gente dentro das escolas estudando.

Luiz Fara Monteiro: Esta coletiva é promovida pela Secretaria de Imprensa e Porta-Voz da Presidência da República, coordenada pelo professor André Singer. Nós agradecemos a Paulo Barboza, da Rádio Capital de São Paulo, Roberto Canázio, da Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro, Antônio Carlos, da Rádio Globo do Rio de Janeiro, e Gil Gomes, da Rádio Tupi de São Paulo, e agradecemos ao presidente Lula.

Presidente: Luiz, eu quero, primeiro, agradecer ao Roberto Canázio, da Rádio Tupi, quero agradecer ao Gil Gomes, da Rádio Tupi de São Paulo, quero agradecer ao Antônio Carlos, da Rádio Globo do Rio de Janeiro, e ao Paulo Barboza, da Rádio Capital, e dizer para vocês que nós estamos fazendo uma boa experiência. Vocês foram convidados pelo André Singer para fazer esta entrevista, nem vocês perguntaram e nem nós perguntamos se tinha pergunta proibida, se tinha coisa que não podia falar.

Aí, eu penso que seria ingenuidade do Presidente da República achar que jornalistas que construíram a história que vocês construíram, uma história de lealdade com os ouvintes de vocês, pudessem vir aqui e dizer: “não pode perguntar tal coisa”. Certamente, vocês não viriam porque a coisa mais sagrada que vocês têm é a relação de vocês com os ouvintes de vocês.

Então, eu quero agradecer a vocês, quero agradecer aos ouvintes do programa de vocês, às mulheres, aos homens, aos adolescentes, e dizer que uma coisa que nós aprendemos a fazer é que a vida humana é tão bonita e tão curta que não há tempo para a gente ser pessimista. Não há tempo para a gente perder a esperança, não há tempo para que a gente não possa contar até dez e dizer: “o meu dia vai ser bom porque eu vou fazê-lo bom. Vão



acontecer coisas boas comigo porque eu estou pensando que vão acontecer coisas boas comigo”, porque senão as coisas não acontecem.

Se a gente acorda pessimista, se a gente desacredita as pessoas, sobretudo os casais... eu estou casado há 31 anos e digo sempre o seguinte: não há razão para um casal brigar porque não tem nada pior na vida do que você sair para trabalhar brigado com a esposa, ou a esposa sair brigada com o marido. É um dia infernal. Então, eu penso que não há tempo. O que é importante é a gente acreditar, primeiro, na nossa força individual, cada ser humano acreditar que pode e que a força de vontade dele é a mola propulsora para ele conseguir.

Segundo, é a gente acreditar que ninguém é de todo mau. Mesmo aqueles que a gente acha que são todos maus, devem ter um lado bom. Vamos descobrir o lado bom para a gente estabelecer essa parceria. E, terceiro, acreditar em uma coisa. Eu continuo acreditando em todas as coisas que eu sonhei a vida inteira e continuo tendo consciência de que o Brasil está tendo um momento excepcional. Falta muita coisa? Falta. Falta muita coisa e, certamente, vai faltar sempre. Eu acho que o ser humano é um conquistador nato, ou seja, não tem momento em que a gente não queira um pouco mais. Se o time da gente marcar um gol, a gente quer que marque o segundo; se a gente ganhar aumento de salário, quer ganhar um pouco mais; se a gente tem 10%, 15% de audiência, a gente quer ter 20%; se a gente faz uma coisa boa, quer fazer três.

O que é importante é que a gente acorde todos os dias e, na hora em que botar o pé no chão, a gente faça pelo menos um voto de confiança em nós mesmos. Cada um faça em si. O dia em que o Brasil todo acordar pensando de forma positiva, a força que essa energia vai passar para este país será tão grande que este país poderá, definitivamente, se transformar em uma grande potência. Eu não me conformo de o Brasil continuar sendo um país emergente. Nós temos que ser um país desenvolvido, um país de gente boa, um país de



gente qualificada, e isso é o que eu queria dizer aos ouvintes dos programas que vocês tão bem representam aqui, nesta entrevista. Boa sorte a vocês e até outro dia, se Deus quiser.